

DRAMATURGIA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA

**TEATRO**

RECRIAÇÃO LIVRE  
DOS CRIMES  
DAS SEDAS  
**BRANCAS**

**DOC COMPARATO**



**RECRIAÇÃO LIVRE  
DOS CRIMES  
DAS SEDAS  
BRANCAS**



**DOC COMPARATO**

**RECRIAÇÃO LIVRE  
DOS CRIMES  
DAS SEDAS  
BRANCAS**

DRAMATURGIA BRASILEIRA  
CONTEMPORÂNEA

**TEATRO**

2020

#### ADVERTÊNCIA

É expressamente proibida a encenação, parcial ou total, pública, leituras, reuniões, reproduções, por amadores ou profissionais, ou qualquer outro tipo de difusão deste texto teatral, constituindo crime previsto em lei, estando o material registrado pela General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) e pela Associação Brasileira de Música e Artes (ABRAMUS) Todos os direitos são reservados, necessitando-se autorização do autor para esses propósitos.

SGAE - BRASIL: [www.sgae.es](http://www.sgae.es)

[raraujo@sgae.com.br](mailto:raraujo@sgae.com.br)

ABRAMUS: [www.abramus.org.br](http://www.abramus.org.br)

#### COPYRIGHT WARNING

*The plays here for sale are under registered copyright © by the author under the The General Society of Authors and Publishers of Spain (SGAE) and also The Brazilian Society of Music and Arts (ABRAMUS). Copying the part or the entirety of these plays or using any copyrighted materials other than what the law allows may be subject to prosecution.*

*You are not allowed to copy, reproduce, broadcast, display, stage these plays or publish them on other web sites without prior written consent from the author. Under no circumstances the material can be used or published, in any way, for commercial or promotional purposes without prior authorization from the author.*

**Recriação Livre dos Crimes  
das Sedas Brancas**

Doc Comparato

© 2020 by Doc Comparato

**CAPA:**

Jonas Paulo Almeida

**ARTE FINAL E DIAGRAMAÇÃO:**

Everaldo Pinto Jr.

**REVISÃO:**

Werbeth Mousinho

**EDIÇÃO:**

Circuito Editora

27.517.056/0001-74

[www.circuito.rio.br](http://www.circuito.rio.br)

[circuitorioeditora@gmail.com](mailto:circuitorioeditora@gmail.com)

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou duplicada sem  
autorização expressa do autor.

Registro Biblioteca Nacional: 2020.R.J.003496

Sócio SGAE: 97738

REGISTRO DOC: 823008819

skype: [doccomparato](https://www.skype.com/people/doccomparato)

[doccomparato@hotmail.com](mailto:doccomparato@hotmail.com)

+55 21 3042-9512 / +55 21 98201-4669

[www.facebook.com/doccomparatodigital](https://www.facebook.com/doccomparatodigital)

[www.doccomparato.com](http://www.doccomparato.com)

Esta obra teatral é dedicada  
para todas as pessoas com quem  
fiz amor.

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	10
<b>BREVE RESUMO</b> .....	12
<b>PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA</b> .....	13
<b>CENA 1</b> .....	15
<b>CENA 2</b> .....	20
<b>CENA 3</b> .....	22
<b>CENA 4</b> .....	24
<b>CENA 5</b> .....	26
<b>CENA 6</b> .....	28
<b>CENA 7</b> .....	30
<b>CENA 8</b> .....	31
<b>CENA 9</b> .....	33
<b>CENA 10</b> .....	36
<b>CENA 11</b> .....	38
<b>CENA 12</b> .....	40
<b>CENA 13</b> .....	42
<b>CENA 14</b> .....	43
<b>CENA 15</b> .....	45
<b>CENA 16</b> .....	48
<b>CENA 17</b> .....	50
<b>CENA 18</b> .....	54
<b>CENA 19</b> .....	56
<b>CENA 20</b> .....	57
<b>A NOTÍCIA</b> .....	60

# APRESENTAÇÃO

No meu entender, o Teatro atualmente atravessa um momento nebuloso. Esta arte, das mais requintadas e antigas da humanidade, o artifício de personas representarem personagens para expor aspectos da condição humana, se encontra deturpada.

No palco se apresentam dançarinos, monólogos intermináveis, coletâneas de frases soltas de poetas variados, instalações, musicais estrangeiros, roteiros cinematográficos comprimidos num texto para duas pessoas, além das comédias baratas e outras sandices patrocinadas por falsos mecenas.

Enfim, só não existe o essencial: o verbo.

## NOTA:

Várias folhas foram escritas para este prólogo.

Hoje resolvi guardá-las: foram engavetadas.

Decidi me abrigar na Quinta Emenda da Constituição Americana, que é a menos pior de todas, e me reservo o direito de ficar calado.

Doc Comparato

## SOBRE TEXTO TEATRAL:

Este texto é inspirado em fatos reais e pessoais.

Trata-se de uma distorção plausível da realidade.

Aliás, como todas as peças da Trilogia Recriação Livre.

## SOBRE OS DIÁLOGOS:

Não utilizar "pra, pro, pri, né, tu, etc."

Também respeitar a ausência de pronomes de tratamento como: você, tu, vós, vosmicê, etc. Quando permitidos pela gramática, são omitidos. É o meu estilo.

Não usar sotaque sob nenhuma hipótese.

Esta recomendação é válida para todas as peças da trilogia: O Caso Rei do Ouro, Lição número 18 e Crimes das Sedas Brancas.

**RECRIAÇÃO LIVRE DOS CRIMES**  
**DAS SEDAS BRANCAS**

**Doc Comparato**

# RECRIAÇÃO LIVRE DOS CRIMES DAS SEDAS BRANCAS

## BREVE RESUMO:

Uma escritora vivendo um bloqueio criativo recebe a visita da jovem assistente de seu médico, que lhe traz uma pílula (de LSD) para tentar abrir sua criatividade. Além de zelar pelo estado mental da escritora durante "sua viagem", ela testemunha o processo de concepção da autora maldita.

O conteúdo desenvolvido abrange a recriação dos artigos da famosa pensadora francesa Colette, quando do julgamento de uma das primeiras mulheres serial killer do mundo, Oum-El-Hassen, também conhecida como A Mulher das Sedas Brancas ou O Rouxinol.

Durante a viagem da escritora, eventos inesperados e surpreendentes acontecem, transformando os personagens e levando a tensão dramática a um nível jamais imaginado.

## PERSONAGENS POR ORDEM DE ENTRADA

A ESCRITORA - NURIA GASPEN - Em torno de 40/50 anos, elegante, algo irônica, inteligente, mas tímida, de poucas palavras. Passa por problemas econômicos devido à rejeição de seus livros. Calma por fora e angustiada por dentro. No decorrer da ação dramática, de pacífica passa a ser voluntariosa e polêmica.

A JOVEM DOUTORANDA MÉDICA - LUCI DE OLIVEIRA MINOTI - Em torno de 20/25 anos, no último ano da faculdade, assistente de psiquiatria de um grande médico (prof. Dr. Mario Fernandes). Baixa, usa óculos, metódica, doce, analítica, ainda receosa de suas ações e insegura. O riso é sempre contido. No decorrer da ação dramática, sua doçura desaparecerá dando lugar a um perigoso sentimento.

OUM-EL-HASSEN - VULGO: SEDAS BRANCAS OU ROUXINOL - Em torno de 40/50 anos, negra, toda vestida de seda branca num estilo árabe dos pés à cabeça. No início só vemos os seus olhos super maquiados. No decorrer da ação mostra o rosto. Aparentemente, trata-se de uma serial killer implacável, cruel, vingativa e sádica, considerada uma das maiores e primeiras mulheres assassinas em série da história. Mas, sobretudo, tem classe e charme imbatíveis. Sabiamente se defende de todas as acusações. Dona do bordel mais conhecido da cidade de Fez, na maior colônia francesa do norte da África, o Protetorado do Marrocos.

COLETTE (É A MESMA ATRIZ QUE INTERPRETA LUCI) - Em torno de 20/25 anos, linda, alegre, debochada, luminosa, se veste de homem, usa uma cartola e uma piteira com um cigarro dourado sempre apagado na ponta. Além de expressar seus sentimentos de forma clara, inteligente e digna, expõe sua sexualidade tranquilamente sem temores. É cativante até relatando fatos humilhantes que viveu. Seu discurso é direto, curto e abrangente. Usa o erudito, no bom sentido. Uma das poucas mulheres indicadas ao Nobel de Literatura, o que infelizmente não aconteceu no ano em que ela era a favorita, devido à Segunda Guerra Mundial.

PIERRE PATON (É O MESMO ATOR QUE INTERPRETA MOHAMMED BEN ALI) - Em torno de 35/40 anos, moreno. Veste uma toga negra com um babado branco no pescoço e uma peruca branca com um fino e longo rabo de

cavalo. É o meirinho da corte onde ocorre o julgamento dos crimes das Sedas Brancas, em 1936, na colônia de Marrocos.

MOHAMMED BEN ALI - Em torno de 35/40 anos, moreno, veste uma túnica marrom e usa um pequeno chapéu vermelho e redondo. Aparentemente frio, calculista, sua vida foi dedicada a servir a Mulher das Sedas Brancas. É torturador, sádico, tem uma língua ferina e adora defender sua senhora. Durante a ação dramática, uma outra personalidade vai emergir surpreendendo a todos. Ele fuma narguilé.

#### CENOGRAFIA

O texto se passa na sala de um apartamento no Rio de Janeiro, na segunda metade do século XX, digamos 1985. A sala contém os seguintes adereços: vários espelhos espalhados pelo ambiente e cobertos por lençóis coloridos, uma mesa com máquina de escrever elétrica, um sofá sobre o qual repousa um cobertor verde dobrado, cadeiras, mesa de centro, abajur, uma prateleira com escassos livros e um visível calendário do ano 1985, além de uma pequena mesa de refeição.

Os vários espelhos cobertos são dos estilos Provençal, Veneziano, dois Bisotados, China Antiga Imperial e com Moldura de Bronze Rococó.

Em certos momentos a ação irá transcorrer em outras épocas:

1) 1936 - na sala de audiências de um julgamento na cidade Fez, no violento protetorado francês no norte da África, Marrocos.

2) 1925 - o fabuloso bordel de Sedas Brancas, também em Fez, uma das cidade mais importantes da colônia francesa, pois lá se concentrava o maior contingente militar francês fora da França.

RESUMINDO: 1925/1936 serão vivenciados separadamente durante o período avassalador da colonização europeia na África e na Ásia, e que, como sabemos, serviu de estopim para a Segunda Guerra Mundial.

DC, Rio de Janeiro, abril de 2020.

[www.doccomparato.com](http://www.doccomparato.com)

## CENA 1

Tudo escuro.  
Abre-se o pano.

SALA / ESPELHO PROVENÇAL / AP ESCRITORA / NOITE

*Pouco a pouco, luzes se acendem, por último a do abajur. Nuria caminha nervosa pela sala de seu apartamento quase vazio. Trata-se da sala do apartamento da escritora Nuria Gaspen, já descrito: mesa, sofá, cadeiras, mesa de refeição, abajur, etc. Há também uma prateleira de livros, com poucos exemplares e alguns dicionários. Todo o ambiente está cercado por objetos cobertos por grandes lençóis ou mantas. Todos podem ser brancos e ser iluminados, cada vez de uma cor única ou em um único colorido: vermelho ou azul. Esses objetos cobertos são de diferentes formas e posicionados em meio círculo no palco. Eles formam uma espécie de galeria extravagante, estranha e algo sinistra. Nuria acende um cigarro. Luzes agora são intensas. Ela caminha, para e apaga o cigarro num cinzeiro de cristal. Agora pega um copo e uma garrafa de whisky. A campainha toca. Instantes. Nuria coloca a garrafa e o copo sobre a mesa. Depois pega uma bolsinha, abre e tira um batom e passa nos lábios, que ficam borrados. Parece estar trêmula. A campainha toca de novo. Ela guarda o batom na bolsinha e a joga no sofá. Nuria sai de cena e parece abrir uma porta.*

*Ela volta acompanhada da doutoranda Luci, que traz uma maleta de médico.*

NURIA - Sou a paciente do doutor Mario Fernandes.

LUCI - Sei perfeitamente do que se trata, dona Nuria. Trabalho como assistente dele.

*Silêncio.*

NURIA - Seu nome, doutora, por favor.

LUCI - Me chamo Luci de Oliveira Minoti. Ainda não sou doutora, estou no último ano.

NURIA - Ele falou sobre meu caso?

LUCI - Sou assistente do seu psiquiatra...

NURIA - Quer beber algo... Um whisky.

LUCI - Não creio que seja possível misturar bebida com o que vamos fazer.

NURIA - É óbvio. Por favor, sente-se.

*Luci se senta em cima da bolsinha de Nuria.  
Ela retira a bolsinha de baixo de si e coloca no sofá ao seu lado.*

LUCI - Desculpa, não tinha visto.

NURIA - Sabe quem sou?

LUCI - Sim.

NURIA - O doutor Mario falou que não vou poder pagar o seu plantão, já que minha situação... Enfim...

LUCI - Por favor, dona Nuria, um pouco de calma.

NURIA - Sinto uma pressão aqui no peito

LUCI - Já sou paga por este trabalho.

*Luci vai falar, mas Nuria não deixa.*

NURIA - Mas não é nada no coração, é ansiedade. Foi informada do que está acontecendo comigo?

LUCI - Sim, estou ciente do seu caso. Não se preocupe.

*Silêncio.*

NURIA - O que tem na sua maleta?

LUCI - Maleta de médico. Medicação de rotina... Aliás, tenho que fazer um interrogatório antes de começarmos.

NURIA - Além de assinar o documento...

LUCI - Senta aqui, vamos conversar.

NURIA - Temos a noite inteira para isso. A propósito, trouxe a pílula?

*Silêncio.*

LUCI - Se a senhora sentasse para conversar...

NURIA - Quer café?

LUCI - Café?

NURIA - É, café!

LUCI - Prefiro chá.

NURIA - Chá?

LUCI - Chá.

NURIA - Não tenho chá.

LUCI - Sem problema. Tomo café.

NURIA - Vou buscar a bandeja com a cafeteira.

*Nuria sai de cena.*

*Enquanto isso, Luci se levanta, escolhe um dos objetos cobertos, ergue o tecido e vê o que está debaixo. O pano escorre levantando poeira e vemos um maravilhoso espelho estilo antigo Provençal.*

NURIA (OFF) - Sabia que somente dez por cento dos criminosos em série são mulheres?

LUCI - Não conheço essa estatística.

NURIA (OFF) - A sociedade não reconhece a existência do maligno entre as mulheres... Todos nos acham umas histéricas devido ao desequilíbrio hormonal.

*Luci aprecia a beleza do espelho.*

*Toca na moldura.*

*Aproveita para ajeitar o cabelo.*

LUCI - É uma falsa impressão. Sempre fomos comparadas a feiticeiras, vampiras, monstros e animais eróticos, além da origem do pecado por causa da maçã do paraíso.

NURIA (OFF) - ...Um dilema. Somos histéricas para uns e bruxas

para outros... Mas, de verdade, por que as mulheres matam?

*Nuria entra na sala com uma bandeja, sobre a qual estão uma cafeteira, xícaras e copos de água.*

LUCI - Porque somos simplesmente humanas.

*Nuria coloca a bandeja sobre a mesa.*

NURIA - Também somos curiosas...

LUCI - É por causa do espelho?

*Nuria vai preparando e servindo o café.*

NURIA - Toma café com açúcar ou sem açúcar?

LUCI - Sem nada.

NURIA - Amargo feito a vida.

*Luci vai falar, mas Nuria interrompe.*

NURIA - A vida é bastante amarga, sem dúvida. E quase sempre implacável.

*Silêncio.*

NURIA - Ah, os espelhos...

LUCI - Não precisa se explicar.

NURIA - Faço questão.

*Nuria se serve e começa a tomar o café.*

NURIA - Minha madrinha tinha uma espécie de vidraçaria misturada com antiquário. Ela faleceu e herdei os espelhos... Podia vender para conseguir algum dinheiro, mas como ela era minha única parente viva, fica difícil me livrar de todos eles...

*Luci aponta para o espelho descoberto.  
Coloca a xícara de café na mesa, sem beber.*

LUCI - Que espelho magnífico...

NURIA - É um Provençal antigo.

LUCI - Agora entendo.

NURIA - O quê?

LUCI - Porque tem tantos espelhos no consultório do doutor Mario Fernandes.

NURIA - Touché! Pago minhas consultas com espelhos... Vou vendendo aos pouquinhos... Como os colonizadores portugueses faziam com os índios.

*Ambas riem discretamente.*

LUCI - Por que está falando em mulheres matadoras em série?

NURIA - É o tema que vou abordar...

LUCI - Pretende execrar as mulheres?

NURIA - Não sei... Mas com certeza os homens vão adorar.

*Ambas sorriem.*

LUCI - Tentei encontrar algum livro de sua autoria e não achei em lugar algum.

NURIA - Eu, Nuria Gaspen, sou uma escritora reclusa, sem talento, mas continuo tentando escrever. As palavras e as frases me proporcionam enorme prazer.

LUCI - Que tipo de prazer?

NURIA - Sofro de depressão e insônia. Quando escrevo fico contente, acompanhada por vários personagens que nascem na minha imaginação. Pura felicidade.

LUCI - Está ciente de que vamos repetir aqui uma experiência feita nos Estados Unidos pelo doutor Mark Jones, na Universidade de Yale?

NURIA - Sim. E qual foi o resultado lá?

LUCI - Inconclusivo.

*Reação de Nuria.*

*Cai luz.*

## CENA 2

PROSCÊNIO / SALA / TELEFONE / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco sobre Luci no proscênio.*

*Ao fundo o espelho Provençal antigo descoberto fica iluminado.  
Luci fala ao telefone estilo anos 1980.*

LUCI - Sim, doutor Mario, compreendo o caso... Só que notei que ela está um pouco ansiosa e acredita que vai tomar um elixir miraculoso...

*Silêncio.*

LUCI - Claro. Quer que repita?

*Instantes.*

LUCI - Existem cinco tipos de bloqueios criativos. O primeiro é a busca da frase perfeita. A escritora não se satisfaz com nada e, de repente, todas as palavras somem de sua cabeça. É conhecido no jargão literário como "deu branco".

*Luci ri.*

LUCI - Agora faço questão. Quero mostrar que vim preparada.

*Silêncio.*

LUCI - O segundo bloqueio é quando o criador perde a confiança no tema que está desenvolvendo. O terceiro bloqueio é o medo de errar, contar a história errada.

*Foco de luz se acende sobre Nuria ao fundo, junto ao espelho.*

NURIA - Quarto bloqueio: pudor de quebrar regras. Em outras palavras: autocensura, medo de ultrapassar limites, sejam eles quais forem.

*Silêncio.*

NURIA - Quinto e último tipo de bloqueio: medo da rejeição, de se tornar maldita, medíocre e impossível de ser editada.

*Instantes.*  
*Tudo escuro.*

## CENA 3

SALA / ESPELHO VENEZIANO / AP ESCRITORA / NOITE

*Luz.*

*Foco sobre Nuria.*

*Ela retira o pano de cima de um espelho Veneziano antigo.*

*Um pouco de poeira levanta no ar.*

NURIA - O espelho Veneziano antigo... Ele sempre distorce o reflexo.

*Nuria se aproxima da mesa, abre a maleta da doutoranda e vai tirando objetos.*

NURIA - Um aparelho de pressão, estetoscópio, uma injeção preparada com Diampax e outra com uma ampola com Nimesulida. Deve ser um sossega-leão, caso eu tenha uma síncope... Papel de receituário, caneta, um livro, um bloquinho, batom, umas pílulas que não sei para quê servem e um tubo de ensaio fechado com dois papezinhos azuis e brilhantes dentro...

*Nuria se afasta da mesa.*

*Luz volta ao normal.*

*Entra Luci.*

NURIA - Gostou do banheiro? Os ladrilhos dele são antigos, originais da década de 40.

LUCI - Nuria, desculpe, mas não tinha o direito de abrir minha maleta de médica.

NURIA - Sou uma pessoa vulnerável. Preciso desse experimento e queria encontrar na sua bolsa a tal pílula e não achei.

LUCI - Mas está na sua mão.

NURIA - Onde?

LUCI - No tubo de ensaio lacrado. Os dois papezinhos azuis.

NURIA - Não sei por que achei que não iria me submeter ao experimento. Sua voz ao falar com o doutor Mario me pareceu hesitante.

LUCI - Tranquila. Seu caso é ideal para esse tipo de estudo.

*Luci vai recolocando seus objetos na maleta.  
Ela tira um papel e entrega para Nuria.*

LUCI - É necessário assinar este documento da faculdade para autorizar o uso da medicação.

*Nuria busca uma caneta sobre sua máquina de escrever.*

NURIA - Preciso recuperar minha imaginação.

LUCI - Se me permite uma pergunta antes de assinar...

NURIA - Por favor.

LUCI - Por que escolheu o tema de mulheres assassinas?

NURIA - Devido ao mito da passividade feminina, uma mulher que não internaliza sua raiva é muitas vezes vista não apenas como masculinizada, mas quase literalmente um homem.

LUCI - É. Quem sabe...

NURIA - Pretendo demonstrar que existem mulheres más, como todo ser humano. Também não quero chegar ao exagero do poeta inglês Rudyard Kipling, que afirmou: "a fêmea da nossa espécie é mais mortal que o nosso macho".

LUCI - Mas essa frase é horrorosa. É clichê e repleta de preconceito.

NURIA - O mundo é assim. E o mal não distingue gêneros. É algo tão banal quanto matar uma formiga.

LUCI - As reações ao LSD talvez não ativem sua criatividade como espera.

NURIA - LSD. Espero um momento mágico que me faça jorrar palavras de uma história jamais contada: o depoimento de uma mulher má.

*Silêncio.  
Tudo escuro.*

## CENA 4

CENA 4 - SALA / ESPELHO CHINÊS / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco sobre um dos espelhos cobertos.*

*A manta cai sozinha e vemos um antigo, grande e imponente espelho Imperial Chinês.*

*Foco sobre as duas mulheres em pé no centro do palco.*

*Luci, usando luvas de borracha finas, abre o tubo de ensaio e segura com uma pinça um quadradinho de papel azul brilhante, isto é, o LSD.*

LUCI - Vou anotar tudo o que vai acontecer. As palavras que proferir e suas reações corporais... Se tiver taquicardia ou se sentir mal, é só me chamar. Estarei no sofá.

NURIA - Lendo o livro de medicina que traz na maleta?

LUCI - Não é de medicina. É uma obra de um escritor americano, Oliver Silverman... Ao contrário do que imagina, o livro é repleto de contos eróticos... alguns são pornográficos... O que interessa é que a ficção do autor contém encontros sexuais e até amorosos que se alinham ao pensamento de Freud.

*Silêncio.*

*Nuria abre a boca.*

*Luci coloca o papelzinho dentro da boca de Nuria.*

LUCI - Não engula. Deixe o papel se dissolver debaixo da língua.

NURIA - Quanto tempo demora para o LSD fazer efeito?

LUCI - Depende de cada pessoa.

*Instantes.*

*Nuria fecha a boca, deixando o LSD se dissolver.*

NURIA - Será que vai dar certo?

*Silêncio.*

NURIA - Posso tomar só uma dose de whisky?

LUCI - Isso vai estragar todo o estudo.

NURIA - Só uma dose.

LUCI - Não é não.

NURIA - Certos defeitos são necessários para a existência de alguns seres humanos... Não vou insistir.

*Luz cai.*

## CENA 5

SALA / ESPELHO BRONZE ROCOCÓ / AP ESCRITORA / NOITE

*Luz se acende na sala.*

*Luci está sentada no sofá.*

*Nuria se aproxima de um espelho coberto e tira a manta.*

NURIA - Esse espelho é único. Pela moldura. O Rococó de Bronze que o envolve foi desenhado por um artista excepcional.

LUCI - Não foi a pergunta que fiz.

NURIA - Esqueci o nome do artista... Um espanhol disse que escrevo num estilo "esperpéntico". Não existe uma tradução exata do termo para português. Em espanhol, "esperpéntico" nasce da palavra "serpente". Seria algo como um estilo "sinuoso, dando voltas", mas de repente acontece o golpe final da história. Quase sempre venenoso. Fatal.

LUCI - Se pensa que vou fazer uma interpretação freudiana entre serpente e pênis, está enganada. Meu propósito aqui é outro: conhecer o desempenho de sua imaginação e o processo criativo quando submetido ao LSD, o ácido lisérgico.

*Silêncio.*

*Instantes.*

*Nuria acende um cigarro.*

NURIA - Fumar, pode?

*Luci se mostra incomodada.*

NURIA - Tem asma? É alérgica?

*Silêncio.*

NURIA - Ah, para minha cabeça só serve "é proibido: proibir"... Agora, no mundo real, só se escuta "é proibido".

*Nuria esmaga o cigarro num cinzeiro.*

LUCI - De acordo com um resumo da história que quer contar, responda a minha pergunta.

*Silêncio.*

*Luci se afasta.*

*Nuria fala para si mesma.*

NURIA - A total ausência de humor torna a vida impossível.

LUCI - O que disse?

NURIA - Nada. Quer dizer, vou inspirar minha história na vida de crimes da Mulher das Sedas Brancas.

*Nesse instante, o fundo do espelho rococó desliza (sai, gira, desaparece), e revela em meio corpo madame Oum-El-Hassen, vulgo Sedas Brancas ou Rouxinol. Tem em torno de 40/50 anos, negra, toda vestida de seda branca, num estilo árabe dos pés à cabeça (estilo burca branca não tradicional).*

*No início só vemos os seus olhos super maquiados. Focar.*

*Foco de luz intensa na Mulher das Sedas Brancas emoldurada no espelho estilo Rococó.*

NURIA - O nome dessa mulher era Oum-El-Hassen. Em 1939 tinha 46 anos. Se vestia de branco dos pés à cabeça. Se comunicava pelo olhar, tal qual uma serpente.

LUCI - O que vai contar sobre ela?

NURIA - Tudo que li sobre ela e que agora vou transformar segundo a minha visão... Intuição estética.

LUCI - Acha que está pronta para começar a escrever?

*Luci pega um bloco de anotação e uma caneta.*

LUCI - Primeira pergunta: está tendo alguma alucinação visual?

NURIA - Sempre tive vários delírios e devaneios visuais o tempo todo...

*Silêncio.*

NURIA - Mas a minha história não termina aí. Não é só isso. Ainda falta a cereja do bolo. Que frase mais clichê.

*Luz vai se apagando devagar.*

NURIA - Clichês. Afinal, todos somos clichês ambulantes.

*Tudo escuro.*

## CENA 6

SALA / MÁQUINA DE ESCREVER / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco sobre Nuria, que vai escrevendo bem devagar na máquina elétrica.*

*Instantes.*

*O abajur se acende.*

NURIA - A cereja do bolo é um figo aberto cheio de mel. Uma mulher linda, inteligente, uma das maiores escritoras francesas de todos os tempos. Colette.

*Instantes.*

NURIA - Começo a escrever bem devagar, como uma criança que engatinha até conseguir caminhar.

*Instantes.*

NURIA - Claro que ninguém sabe quem foi Colette, principalmente no Brasil. Aliás, o Brasil só se interessa pelo Brasil.

*Nuria se levanta.*

NURIA - Ah, e pelos Estados Unidos também. Não existem notícias de outros lugares. Não se sabe quando um novo balé estreou em Moscou, ou uma ópera em Roma, ou um filme na Espanha.

*Nuria caminha.*

NURIA - Colette devia ter recebido o prêmio Nobel de Literatura. Ela quebrou tabus, destruiu preconceitos e escreveu como se fosse um Einstein das letras.

*Nuria se aproxima da mesa com a garrafa de whisky e o copo.*

NURIA - A ignorância no Brasil é culpa das elites. Mas não sou socióloga, nem especialista na pátria amada: "Brasil". Sou apenas uma cidadã invisível.

*Núria pega a garrafa de whisky e o copo.*

LUCI (OFF) - Não. Quantas vezes tenho que repetir? É proibido beber.

*Núria despeja a garrafa de whisky no chão, fazendo uma poça do líquido amarelado.*

NURIA - Pronto. Acabou. Conflito resolvido.

*Instantes.*

NURIA - Ansiosos pelo drama, pelos detalhes sangrentos dos assassinatos da Mulher das Sedas Brancas, das torturas, atrocidades e tragédias humanas que ela cometeu...

*Núria se aproxima do espelho Veneziano (dividido em duas portas de espelhos) e começa a abrir devagar.*

NURIA - Le Soir, 1936, o jornal francês mais lido do planeta envia Colette para a cidade de Fez, na maior colônia francesa do norte da África, o grande Protetorado do Marrocos.

*Ao abrir o espelho, surge Colette a meio corpo. Foco intenso sobre uma moça jovem, em torno de 20/25 anos, linda, alegre, debochada, luminosa, se veste de homem, usa uma cartola e uma longa piteira com um cigarro dourado sempre apagado na ponta. (Surpreendentemente para o público) Vemos Luci fazendo o papel de Colette.*

NURIA - Colette foi para escrever artigos exclusivos e reveladores dos mistérios e as entranhas do julgamento da cafetina marroquina e muçulmana... A Mulher das Sedas Brancas. A pessoa mais leal e servil ao exército francês, mas um exército invasor raramente é leal a uma mulher.

*Colette dá várias gargalhadas cercada pela moldura Veneziana.*

*Instantes.*

*Caem luz e som.*

## CENA 7

SALA / MÁQUINA DE ESCREVER / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco sobre Nuria, que escreve obcecada e velozmente.*

*O ruído da máquina chega a ser irritante.*

*Ela tira uma folha escrita e coloca outra na máquina.*

*Para.*

*Se debruça sobre a máquina e fica parada, quase em pânico. Suas mãos são incapazes de escrever.*

*Ela fica ofegante e depois trêmula.*

*Instantes.*

## CENA 8

PROSCÊNIO / SALA / AP ESCRITORA / NOITE

*Surge no proscênio, em foco cada vez mais intenso, a figura do meirinho Pierre Paton.*

*Ele usa uma toga negra, com babado branco e rendado no pescoço, além da peruca branca com seu fino e longo rabo de cavalo. Tem na mão um bastão prateado.*

*Pierre bate com o bastão no chão.*

*É como se estivéssemos no julgamento em 1936.*

PIERRE PATON - Silêncio.

*Luz sobre Nuria se apaga lentamente.*

PIERRE PATON - Respeito.

*Instantes.*

PIERRE PATON - Como Oficial de Justiça do Império Francês, na cidade de Fez, protetorado e colônia do Marrocos, anuncio o julgamento de Oum-El-Hassen, também conhecida como a Senhora das Sedas Brancas, em 14 de novembro do ano santo de 1936, no norte da África.

*Pierre bate com o bastão no chão duas vezes.*

PIERRE PATON - Vamos aos fatos. Crianças árabes brincavam pela manhã, frente a um conhecido bordel em Fez, quando encontraram num beco vizinho, um cesto pesado e amarrado com cordas.

*Silêncio.*

PIERRE PATON - Abriram. Lá dentro havia pés, mãos, uma cabeça com cabelos, um tronco e seios de uma moça... A carne dilacerada estava coberta de hortelã, erva-doce e tomilho enfiados dentro do cesto para disfarçar o odor de putrefação.

*Escuta-se um murmúrio ao fundo.  
Instantes.*

PIERRE PATON - Os policiais franceses invadiram o bordel da conhecida madame. Após a inspeção da residência, não foi encontrado nada relativo ao crime. Já de saída, escutaram um ruído atrás de uma parede.

*Escuta-se novamente um murmúrio.*

PIERRE PATON - Madame afirmou que, por descuido, seu leal serviçal Mohammed Ben Ali havia emparedado um gato vivo. Sem mais nada a fazer ou dizer, os policiais se retiravam quando ouviram gemidos femininos fracos... Vozes que clamavam por socorro. Ao destruir a parede em questão, encontraram quatro prostitutas magras, esfomeadas, feridas... Jovens cruelmente emparedadas.

*Silêncio.*

*Pierre bate com o bastão no chão.*

PIERRE PATON - Para julgar este caso, sua excelência, indicada desde Paris, centro do Império Francês, o meritíssimo e magnânimo juiz Martin Le Blanc. Todos de pé!

*Foco se apaga.*

## CENA 9

SALA / CENTRO DO PALCO / AP ESCRITORA / NOITE

*Luz se acende.*

*A escritora caminha pela sala e observa suas mãos espalmadas e paralisadas diante de si.*

*Foco se acende sobre a moldura Rococó com a Mulher das Sedas Brancas em seu interior.*

*Nuria se assusta.*

*A Mulher das Sedas Brancas tira o lenço que parcialmente cobre seu rosto.*

*Trata-se de uma mulher negra, lindíssima, entre 40 e 50 anos, o rosto super maquiado. Ela é contida e elegante.*

SEDAS BRANCAS - Por que parou de escrever sobre mim? Estava tão bonito, o início do julgamento.

NURIA - ...Achei didático.

*Sedas Brancas sorri.*

SEDAS BRANCAS - Faltou escrever a pergunta principal que se faz em qualquer julgamento.

NURIA - Também tive uma dormência nos dedos... A noite aqui sempre é fria.

*Instantes.*

SEDAS BRANCAS - Aquela pergunta célebre: senhora Oum-El-Hassen, vulgo Sedas Brancas, se declara culpada ou inocente?

NURIA - E o que alegou?

SEDAS BRANCAS - Inocente, é claro.

NURIA - Para os dois crimes: o esquartejamento da moça e por ter emparedado quatro jovens?

SEDAS BRANCAS - Cherifa sempre foi rebelde e se desentendeu com meu criado Mohammed. Um dia... Ele resolveu fazer dos restos dela comida para os pobres da praça... A receita não deu certo e ele jogou tudo fora.

NURIA - É improvável que não tenha tido conhecimento desses fatos.

SEDAS BRANCAS - Claro que tinha, mas para mim era indiferente. Vivi tanto e tudo tão feroz e hediondo, que meu sangue ficou frio.

*Nesse instante, as portas do espelho Veneziano se abrem e surge a bela Colette.*

*Foco em Colette.*

*Nuria fica atônica entre as duas mulheres emolduradas em seus respectivos espelhos.*

COLETTE - Nuria, meu amor, ainda não escreveu uma linha sobre minha pessoa: Colette. Afinal, seu texto tem como fundamento minha entrevista fictícia com Sedas Brancas. Lembre-se: escrever só leva a escrever mais.

SEDAS BRANCAS - Nuria, não acredite nessa mulher. Trata-se de uma farsante.

COLETTE - Impostora, eu, Colette?

SEDAS BRANCAS - Em 1936, durante o julgamento, a Colette que me entrevistou tinha 55 anos, já com umas rugas de 70.

COLETTE - É aconselhável aplicar óleo refinado de cortesia quando se conhece uma pessoa.

SEDAS BRANCAS - E quem disse que a Madame é uma pessoa?

COLETTE - Fui a primeira autora mulher publicada na Europa. Larguei um marido vigarista e aristocrata para me vestir de homem e me casar com minha amiga Missy... Mentirosa é você, que se diz inocente.

SEDAS BRANCAS - A Colette que conheci não era uma garotinha de 22 anos, que mais parece uma caricatura de homem.

COLETTE - É um encantamento conhecer alguém que despreza.

*Nuria tapa os ouvidos com as mãos.*

NURIA - Parem, por favor. Não aguento mais ouvir, nem ter visões da imaginação... As duas são personagens. A Colette do meu livro será jovem. Os encontros sexuais dela serão muito mais desejáveis pelo leitor mais maduro.

SEDAS BRANCAS - Agora entendi. E por que não vai lá escrever?

COLETTE - O meu marido aristocrata me deixava trancada por quatro horas dentro de um escritório minúsculo e fedorento. Após semanas de trabalho... Ele juntava tudo, assinava o nome dele na capa e vendia... E gastava tudo no cassino.

SEDAS BRANCAS - Colette tinha um marido que a prendia como um animal... Coleira de cachorro... Ela teve de se vestir de homem para se libertar.

COLETTE - Cala a boca. Certos defeitos são necessários para a existência do criador. Pessoas inteligentes não possuem pequenas loucuras.

*Sedas Brancas reage fechando os olhos e virando o rosto.*

COLETTE - Acredito que está presa em seu próprio corpo. Precisa se libertar.

*Foco sobre Colette se apaga e as portas do espelho Veneziano se fecham.*

*Instantes.*

*Sedas Brancas abre os olhos e fala para Nuria.*

SEDAS BRANCAS - Como cafetina aprendi que todo viciado volta ao vício.

*Nuria caminha pela sala.*

*Relaxa os braços e mãos.*

*Se aproxima da máquina de escrever.*

SEDAS BRANCAS - Ou melhor, tem uma reserva do vício...

*Foco sobre Sedas Brancas se apaga.*

*Nuria abre uma gaveta até então despercebida, retira uma garrafa pequena de whisky e bebe sofregamente todo o conteúdo.*

*Instantes.*

*Depois devolve a garrafa à gaveta e fecha.*

*Coloca as mãos sobre a máquina de escrever e começa a dedilhar lentamente.*

*Instantes.*

*Cai a luz.*

## CENA 10

SALA / MÁQUINA DE ESCREVER / AP ESCRITORA / NOITE

*Luz sobre o sofá.*

*Luci, enrolada no cobertor verde, se aproxima de Nuria segurando uma prancheta e uma caneta.*

LUCI - Peguei o cobertor. Estava com frio.

*Nuria para de dedilhar.*

NURIA - Também deu uma cochilada...

LUCI - Desculpe, é um plantão atrás do outro. E o relógio interno fica alterado...

*Luci se aproxima de Nuria e cheira.*

LUCI - Andou bebendo?

NURIA - O quê?

LUCI - Onde conseguiu? Por que descumpriu minhas ordens?

NURIA - Só foi um golinho...

LUCI - Acabou com toda a planilha da nossa experiência médica.

NURIA - E agora?

LUCI - Entenda, Nuria, são diferentes experimentos sobre drogas e criatividade. Temos estudos das influências das bebidas alcoólicas, da maconha, da cocaína... E por aí vamos.

NURIA - Não tive a mínima intenção...

LUCI - Acabou, Nuria. Acabou. Perdi uma noite de trabalho, um esforço enorme para chegar aqui e ainda aguentar uma escritora histérica e alcoólatra.

NURIA - O que disse?

LUCI - É isso mesmo. Escutou muito bem. Estou indo embora.

*Nuria arranca a prancheta e a caneta das mãos de Luci e joga no chão.*

NURIA - Não pode me deixar aqui sozinha, por favor.

LUCI - E ainda está ficando violenta. Arranhou meu braço.

NURIA - Foi sem querer. Essa angústia que me bloqueia... Preciso superar isso.

LUCI - Não sou analista. Traumas e neuroses é um outro departamento.

NURIA - Necessito trabalhar para ganhar algum dinheiro.

LUCI - Entenda, o experimento acabou. Vou te dar um sedativo, você dorme e amanhã conversa com o doutor Mario Fernandes. Estamos resolvidas?

*Nuria aflita.*

NURIA - Me dê dez minutos... Uma última tentativa para escrever pelo menos um parágrafo legível. Talvez uma página...

*Luz se apaga sobre elas.*

## CENA 11

SALA / ESPELHO ROCOCÓ / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco se acende sobre a moldura Rococó com a Mulher das Sedas Brancas em seu interior.*

SEDAS BRANCAS - Nuria, vou revelar um segredo: Colette e eu praticamente nos entrevistamos pelo olhar. Nos encontramos pouquíssimas vezes... Uma francesa pernóstica. Mas esperta.

*Luz sobre Nuria, que se aproxima de Sedas Brancas.*

SEDAS BRANCAS - As perguntas dela eram tão intensas e diretas que conseguiam contar minha história em uma página.

NURIA - Isso se chama densidade literária... Talvez as perguntas fossem assim: quantos anos tinha e por quem foi estuprada pela primeira vez?

SEDAS BRANCAS - Onze anos. Pelo meu tio. Na boca faltavam dentes... O cheiro dele se misturou com o cheiro do meu sangue. Isso se repetiu algumas vezes... Não quero nem lembrar.

NURIA - Depois de fugir da sua vila, o que aconteceu?

SEDAS BRANCAS - Queria ser forte. E para ser forte devemos ficar do lado do vencedor... Fui trabalhar como serviçal de uma família francesa... Aprendi francês, apesar de que um dos filhos dela tomou liberdades com meu ânus. Gostava de beijar e enfiar a língua. Dos males, o menor.

NURIA - É uma excelente abertura para o livro. Em lugar da cronologia, o texto vai começar por aí: o ânus da pequena Seda Branca sendo acariciado por uma língua europeia.

*Instantes.*

NURIA - Vou escrever.

*Nuria se encaminha para a máquina de escrever.  
Senta e começa a teclar.  
Instantes.  
Cai a luz.*

## CENA 12

SALA / MOLD. ROCOCÓ/VENEZIANO / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco se acende sobre a moldura Rococó com a Mulher das Sedas Brancas em seu interior.*

*Instantes.*

*As portas do espelho veneziano se abrem e vemos Colette vestida de homem e usando cartola.*

COLETTE - Sedas Brancas, cunilíngua é algo prazeroso. Só requer malícia e falta de higiene.

SEDAS BRANCAS - Sempre tive certeza de que me viu como uma assassina desalmada.

COLETTE - Suas conjecturas são incertas... Apesar de conhecer suas covardias e crueldades...

SEDAS BRANCAS - Sabia...

COLETTE - Fiquei mais interessada na relação de poder entre autoridades invasoras e colonizados, patriarcas e descendentes, homens e mulheres, raças maiores e menores, como se todos os humanos fossem filhos de um deus com vários chicotes.

SEDAS BRANCAS - Nunca me suportou, porque na verdade é uma francesa boa-vida. Sua companheira, Missy, é milionária.

COLETTE - Já sofri muito. Descobri que ser feliz é a única maneira de ser sábio.

SEDAS BRANCAS - Para com seu palavrório. Vive numa mansão em Paris, não nasceu numa colônia de escravos.

COLETTE - Tem razão. Agora só me interesse pelo prazer físico e intelectual. Escrevo conflitos e injustiças, não pretendo viver pequenos suplícios no dia a dia, que além do mais tendem a se repetir. Um tédio.

SEDAS BRANCAS - Fala difícil, cheia de si... Conhece os desejos obscuros dos homens?

COLETTE - Nossas sombras interiores são maiores do que se imagina. São como turistas andando pelo deserto ao pôr do sol.

SEDAS BRANCAS - É verdade. Madame parece uma turista... Conhece a dança do ventre?

*Cai luz.*  
*Instantes.*

## CENA 13

SALA / MÁQUINA DE ESCREVER / AP ESCRITORA / NOITE

*Luz sobre Nuria, que tecla na máquina de escrever elétrica.*

*Instantes.*

*Ela retira o papel da máquina, para e lê o texto em voz alta.*

NURIA - O ânus da empregadinha estava sendo lambido pela língua do rapaz que se masturbava... Mal sabia que a moça já conhecia a diferença entre excitação, prazer, gozo, orgasmo e êxtase sexual...

*Nuria se levanta.*

*Ela repete.*

NURIA - ...Complicado e técnico para a cabeça do leitor, que não deve saber a diferença entre uma coisa e outra. A maioria não sabe distinguir... Excitação, prazer, gozo, orgasmo e êxtase sexual... Minha mão direita está ficando dormente...

*Nuria amassa o papel e joga numa lata de lixo.*

*Depois caminha em direção à máquina de escrever.*

*Senta.*

*Coloca o papel.*

NURIA - Pensa, Nuria, pensa... Começar pelo mais simples... Um clichê apimentado... A dança do Ventre.

*Cai luz.*

*Instantes.*

## CENA 14

PROSCÊNIO / SALA / AP ESCRITORA / NOITE

*Música oriental.*

*Foco sobre Sedas Brancas sem o véu no rosto vagorosamente se movendo na cadência da dança do ventre.*

*Instantes.*

*É como se estivéssemos no bordel em 1925.*

SEDAS BRANCAS - Por possuir elementos corporais femininos se acredita que sua origem remonta ao período Neolítico...

*Instantes.*

*Sedas Brancas dança.*

SEDAS BRANCAS - Os movimentos revelam sensualidade, de um modo que a forma primitiva era considerada um ritual sagrado. A origem está relacionada às qualidades férteis da Deusa-Mãe.

*Instantes.*

*Sedas Brancas dança.*

*Luz sobre o espelho Veneziano de Colette, que se abre.*

COLETTE - A dança é marcada pela sexualidade nas ondulações abdominais, de quadril e tronco isoladas e combinadas com movimentos de braços e mãos.

*Instantes.*

*Sedas Brancas dança.*

COLETTE - Sedas Brancas, a elegância lhe acompanha até na dança do ventre.

SEDAS BRANCAS - Deve ser a seda da minha túnica.

COLETTE - A elegância não se encontra na roupa, está no cabide.

*Instantes.*

*Sedas Brancas dança.*

*A música oriental aumenta o ritmo.*

COLETTE - Os deslocamentos do seu quadril estão cada vez mais amplos e intensos. Existe um odor de entranhas femininas... Tão refinados, seus trejeitos elaborados e harmônicos feitos pelos dedos... Convidam para o sexo.

*Sedas Brancas dança intensamente.*

*Instantes.*

*Musica cessa subitamente.*

*Foco do proscênio se apaga.*

## CENA 15

SALA / MOLD. VENEZIANO / AP ESCRITORA / NOITE

*Sedas Brancas se aproxima de Colette.*

COLETTE - Estudei a dança do ventre. Sempre faço uma pesquisa antes de assumir o compromisso de escrever. Isso tem um nome: profissionalismo.

SEDAS BRANCAS - Que ótimo. Estamos no mesmo ramo. Vendo corpos, enquanto Colette vende palavras.

COLETTE - Pode ser... Por que parou de dançar?

SEDAS BRANCAS - Já viu uma dança do ventre com a moça segurando três bandejas de óleo fervente?

COLETTE - Que depois escorre pelo corpo, queimando a pele e deixando a carne exposta como se tivesse sido descarnada numa tortura...

SEDAS BRANCAS - Essa era a tara do capitão ou do general? Não me recordo bem.

COLETTE - Mesmo sendo discreta nos prazeres de seus clientes, estava escrito nos altos do processo jurídico.

*Silêncio.*

SEDAS BRANCAS - Mentira, jamais declarei isso. Quando li seus artigos sobre o julgamento fiquei ofendida.

COLETTE - As reações dos leitores sobre qualquer obra são enigmas impossíveis de serem decifrados.

SEDAS BRANCAS - Sua descrição da chegada em Fez é ofensiva. Detalhou os efeitos nas borbulhas da champanhe, enquanto perfuradas pelas nuvens durante o voo para Rabat.

COLETTE - Depois escrevi sobre as fontes luxuriantes, as cortinas esvoaçantes, as refeições refrescantes e exóticas do hotel.

SEDAS BRANCAS - Não vale a pena ler Colette.

COLETTE - Quando começo a escrever sinto que estou tocando a asa de uma linda borboleta com o dedo. Tudo leve e sutil... Depois, pouco a pouco, vou engrossando o caldo da expectativa, até condensar tudo num desfecho inesperado.

SEDAS BRANCAS - Que final propõe para a história que estamos vivendo aqui?

COLETTE - Depende da Nuria. Afinal, ela é a autora.

SEDAS BRANCAS - Ela tem dez minutos para escrever pelo menos uma página.

*Silêncio.*

COLETTE - Tem alguma ideia? Afinal, seu prostíbulo era uma casa de horrores. Quatorzes garotas moraram na sua casa no ano passado.

SEDAS BRANCAS - Garotas, não, pensionistas.

COLETTE - Três pensionistas desapareceram, quatro foram encontradas mortas e sete foram torturadas com tanta severidade que ficaram inválidas pelo resto da vida.

SEDAS BRANCAS - Só cumpri os pedidos dos oficiais do exército francês. As práticas eram a cada dia mais violentas.

COLETTE - Exércitos invasores, sejam eles quais forem, começam queimando livros... E acabam só sentindo prazer em matar, no cheiro metálico do sangue, no horror de carnes desfiadas...

SEDAS BRANCAS - Apenas estava cumprindo as ordens dos meus superiores e clientes franceses.

COLETTE - Ah! Cumprindo ordens... Acredita mesmo que os seres humanos são civilizados? Principalmente dando ordens tirânicas?

*Silêncio.*

COLETTE - Por que não chama seu criado Mohammed e ordena que ele impeça a doutora Luci de estragar tudo?

SEDAS BRANCAS - Mohammed é imprevisível.

COLETTE - Emparedou quatro meninas e cometeu imensos abusos para entreter o exército francês.

SEDAS BRANCAS - Dei um pouco de estircnina para que elas sofressem menos.

COLETTE - Uma pergunta que ainda não foi feita: por que as quatro pensionistas foram emparedadas?

*Silêncio.*

COLETTE - Sob o meu ponto de vista, a pior perversão é a abstinência... Mas essa tara de emparedar pensionistas, nunca ouvi falar. Onde se encontra o prazer desta prática?

*Silêncio.*

*Sedas Brancas se vira e esconde seu rosto com o véu.*

SEDAS BRANCAS - Devemos ajudar Nuria.

COLETTE - Talvez devêssemos contar para ela o que está acontecendo?

*Instantes.*

SEDAS BRANCAS - Não, ainda é cedo...

*Sedas Brancas caminha em direção ao espelho moldura Rococó.*

SEDAS BRANCAS - Pensando melhor... Talvez tenha razão, chamar Mohammed. De uma forma ou de outra, ele sempre deu um jeito em tudo.

*Colette vai fechando as portas do seu espelho.*

COLETTE - Contraditório: num momento diz que ele é descontrolado, agora deseja sua ajuda.

*Sedas Brancas chama por Mohammed.*

SEDAS BRANCAS - Mohammed! Mohammed!

COLETTE - A responsabilidade é sua.

*Instantes.*

*Colette desaparece.*

SEDAS BRANCAS - Mohammed! Mohammed! Venha aqui! É uma ordem. Mohammed! (ECO)

*Instantes.*

*Tudo escuro.*

## CENA 16

SALA / MÁQ. ESCREVER / PROSCÊNIO / NOITE

*Nuria está em frente à máquina de escrever.  
Ela tecla devagar com aparente dificuldade.  
Instantes.  
Ela para de escrever.  
Nuria abre gavetas.  
Retira vários papéis em busca de um relato.  
Em sua procura, ela vai jogando os papéis no chão.  
Marcar que o piso junto à máquina de escrever se torna um tapete de papel.*

NURIA - Onde coloquei a pesquisa sobre o criado dela...?

*Instantes.  
Ela enfim retira um maço de folhas e encontra aquela que procurava.  
O resto joga no chão.  
Nuria lê.*

NURIA - Mohammed Ben Ali...

*Nesse instante o proscênio se ilumina.  
Encostado em grandes almofadas, vemos Mohammed Ben Ali, em torno de 35/40 anos, moreno, veste uma túnica marrom e usa um pequeno chapéu vermelho e redondo.  
Ele fuma narguilé.  
Foco de luz em vermelho sobre ele.  
No depósito do fumo vê-se uma pedra de haxixe, que se ilumina e apaga enquanto Mohammed solta no ambiente expansivos jorros de fumaça.  
Instantes.  
Agora Nuria caminha pela sala com a carpeta em suas mãos.*

NURIA - A Ordem dos Assassinos foi uma seita fundada no século XI por Hassan Ibn Sabbah, conhecido como "o velho da montanha"...

MOHAMMED - Hassan e seus partidários capturaram a fortaleza de

Alamut, atualmente conhecida como Teerã, capital do Irã.

NURIA - A fama do grupo se alastrou até o mundo cristão, que ficou surpreso com a ferocidade destes homens...

MOHAMMED - "Assass"... Que significa em árabe "fumador de haxixe"...

NURIA - Deu origem à palavra "assassino".

MOHAMMED - A ordem dos assassinos teria por hábito consumir elevadas quantidades de haxixe... E tinha visões do paraíso, enquanto dizimava o inimigo...

NURIA - Para eles o prazer possuía o cheiro da morte.

*Instantes.*

MOHAMMED - Minha família é descendente da Ordem da Morte... Meu avô sempre lembrava das nossas raízes... Também não importa, a verdade é que me sinto um membro desta seita.

*Instantes.*

MOHAMMED - Estou aos seus serviços, como ordenou a senhora das Sedas Brancas.

*Nuria perplexa.*

*Luz proscênio se apaga.*

*Instantes.*

## CENA 17

SALA / ESPELHO BISOTADO / AP ESCRITORA / NOITE

*Entra Luci segurando sua bolsa de médico e papéis, preparada para sair.*

LUCI - É bom avisar que o LSD, Dietilamida do Ácido Lisérgico, é uma substância fabricada em laboratório. Bastante semelhante à seiva presente em um fungo denominado *Claviceps Pupurea*.

NURIA - Parece bula de remédio. Por que está dizendo isso?

LUCI - É obrigada a assinar um documento, sabendo que o LSD é um alucinógeno, ou seja, é uma substância capaz de alterar a percepção daquele que faz seu uso. Essa alteração faz com que o usuário seja capaz de ver, sentir e ouvir coisas que não são reais.

NURIA - Por favor, fique.

LUCI - Assine o documento, por favor. Vou deixar dois comprimidos tranquilizantes e ir embora.

*Luci passa para Nuria um papel e uma caneta.*

*Instantes.*

*Nuria rasga o documento.*

LUCI - O que está fazendo? Quem pensa que é?

*Instantes.*

*Nuria caminha atônita, se aproxima de um espelho coberto e remove o pano.*

*Vemos um espelho bisotado do Mississippi.*

NURIA - ...O espelho bisotado do Mississippi... O favorito da minha madrinha...

*Nuria toca o rosto.*

NURIA - O batom está todo borrado em meus lábios e ninguém disse nada... Pareço uma palhaça.

LUCI - Não seja melodramática. Essa noite passou dos limites. Bebeu, rasgou o formulário, arranhou meu braço...

*Nuria corre, pega sua bolsinha sobre o sofá, tira de dentro um batom e começa a passar pelos lábios e pelo rosto.*

NURIA - Tenho cara de palhaça agora? Acha que sou o quê?

*Luci abre a maleta e vai retirando algumas coisas, entre elas um kit de injeção.*

*Vê-se também o livro do escritor americano traduzido Oliver Silverman.*

LUCI - Está ficando agressiva. Sou obrigada a fazer uma sedação.

NURIA - Não sei quem sou. Aí é que está o problema.

*Instantes.*

*Luci prepara a injeção.*

LUCI - Por favor, coopere, que é para o seu bem.

*Nuria pega o livro.*

NURIA - Sabe quem é o autor americano Oliver Silverman, que escreveu este livro? Sou eu!

LUCI - É necessário cortar o efeito do LSD, porque seu estado mental está se alterando rapidamente.

NURIA - Nunca existiu nenhum livro escrito por Nuria, sempre usei pseudônimo: meu nome é Cassia Maris.

LUCI - Cassia Maris...

NURIA - É... A escritora mais vendida no Brasil, o primeiro autor a alcançar a cifra de um milhão de exemplares vendidos.

LUCI - Delírio de grandeza... Vamos com calma, porque vou aplicar a injeção.

*Luci se aproxima com a injeção.*

NURIA - Aos dezesseis anos escrevi meu primeiro livro: A Volúpia da Moça. Foi um escândalo. Fiquei rica... Nos anos da democracia em 1962 meus livros foram proibidos e retirados de circulação por ofender os valores familiares...

*Instantes.*

LUCI - Não recebi essa informação do doutor Mario Fernandes...

NURIA - Durante a ditadura fui perseguida com tanta desumanidade pelos militares, que até hoje é difícil encontrar alguns dos meus cinquenta livros em livrarias ou sebos.

*Luci segura o braço de Nuria.*

*Nuria reage violentamente.*

NURIA - Larga o meu braço!

LUCI - Quer que telefone para pedir um reforço de enfermeiros à clínica?

NURIA - Mohammed! Mohammed! Mohammed Ben Ali!

*Mohammed se apresenta.*

MOHAMMED - Aqui estou, minha senhora.

NURIA - Acabe com ela.

*Mohammed agarra a cabeça de Luci e bate várias vezes em uma coberta que esconde um espelho.*

*Luci grita.*

*Escuta-se o quebrar de vidros.*

*Instantes.*

*Nuria fecha os olhos e tapa os ouvidos.*

*Luci berra e suplica.*

LUCI - Para, Nuria! Não faça isso! Vamos conversar! Está me ferindo.

NURIA - Não estou fazendo nada... É Mohammed descontrolado.

*Mohammed continua batendo a cabeça de Luci contra o espelho coberto.*

LUCI - Prometo que vou ficar aqui ao seu lado.

NURIA - Mohammed é membro da Ordem dos Assassinos...

LUCI - Quem é Mohammed? Solta minha cabeça, Nuria!

NURIA - Quando ele fuma haxixe, enxerga um universo onde a morte e o paraíso se mesclam como fossem estrelas.

*Luci perde força e vemos manchas de sangue sobre a manta.*

LUCI - Uma grande escritora como Cassia Maris não faria isso.

*Instantes.*

*Mohammed para de bater.*

*Luci cai no chão puxando o pano.*

Vemos um espelho estilo Brasil Colonial bisotado totalmente estilhaçando.

MOHAMMED - O que faço com ela?

*Silêncio.*

MOHAMMED - Devo emparedar para os clientes do pelotão Assass?

NURIA - O de sempre.

*Mohamed se retira com o corpo de Luci enrolado na cobertura do espelho.*

*Nuria olha fixa e profundamente para o espelho destruído.*

NURIA - O espelho "Brasil Colonial bisotado", todo partido, estilhaçado em mil pedaços... Em um milhão de cacos que buscam um reflexo único... E encontram a discórdia do caos... Que empareda as pessoas, deixando tudo imóvel. Apático. Sem nenhum sinal de revolta.

*Instantes.*

*Nuria se mantém olhando para o espelho destruído.*

*Cai a luz.*

## CENA 18

SALA / AP ESCRITORA / NOITE

*Luz retorna lentamente.*

*Nuria está sentada na cadeira próxima à máquina de escrever.*

*O piso está coberto de folhas de papel.*

*Suas mãos estão tortas, com dificuldade de se mover.*

*Nuria limpa aos poucos o rosto manchado de batom com uma toalha branca.*

*Ela está perplexa, aturdida e pasmada.*

*A sala se ilumina.*

*Cada espelho descoberto é alcançado por um ângulo diferenciado de foco.*

*Apenas um espelho ainda se mantém coberto.*

*A cenografia e a iluminação apresentam no palco uma magnífica visão.*

*Instantes.*

*Colette e Sedas Brancas caminham pela sala.*

COLETTE - É batom.

SEDAS BRANCAS - Não. É sangue.

NURIA - Mas é batom ou sangue?

*Silêncio.*

NURIA - Sinto que fiz algo imperdoável.

COLETTE - Quando se faz algo imperdoável, a única saída é se perdoar.

SEDAS BRANCAS - Não se esqueça do castigo.

COLETTE - O que não falta é suplício para a humanidade. Os seres humanos são os únicos animais que nascem chorando.

*Silêncio.*

NURIA - Serei emparedada?

COLETTE - ...Sedas Brancas, por que se emparedavam as pensionistas?

*Silêncio.*

*Luz se apaga.*

*Proscênio se acende.*

## CENA 19

PROSCÊNIO / SALA / AP ESCRITORA / NOITE

*Nesse instante o proscênio se ilumina.*

*Encostado em grandes almofadas, vemos Mohammed Ben Ali, em torno de 35/40 anos, moreno, veste uma túnica marrom e usa um pequeno chapéu vermelho e redondo.*

*Ele fuma narguilé.*

*Efeitos de fumaça.*

*Foco de luz em vermelho sobre ele.*

MOHAMMED - ...Quando não se ouviam mais arranhões ou gemidos atrás das paredes, era hora de chamar os rapazes Assass do sétimo batalhão... As pensionistas que morrem devagar ficam com o corpo quente por mais tempo... Os cabelos cumpridos grudados nos ombros murchos... A pele lisa quase desmanchando... Eles chegavam e logo beijavam os seios... Depois as bocas... O calor dos lábios deles passava para elas... Depois os mamilos, a nuca, barriga, os pelos pubianos... Era como beijar debaixo d'água, eles diziam... Adorando a passividade e o silêncio delas... Os olhos fechados, a perna e a boca entreabertas, de onde escorria uma saliva branca e viscosa... Pela frieza e a umidade do ventre, o desfrute dos homens era prolongado... Até chegarem ao ponto de gozar violentamente dentro delas, enchendo os cadáveres gelados com leite quente... Exércitos só fazem amor com a morte.

*Cai a luz.*

## CENA 20

SALA / AP ESCRITORA / NOITE

*Foco sobre Nuria sentada em sua cadeira.*

*Ela tem o olhar perdido.*

*No chão vemos os papéis jogados.*

*Colette caminha para o espelho veneziano, enquanto Sedas Brancas para o espelho com moldura Rococó.*

COLETTE - Necrófilos. Homens com medo de satisfazerem mulheres de verdade.

SEDAS BRANCAS - Nuria, se quer ser alguém, seja você mesma.

COLETTE - Esqueça os preconceitos, conceitos, as inibições e medos. E volte a ser o que sempre foi.

SEDAS BRANCAS - Uma moça de dezesseis anos descrevendo sobre o seu prazer, é por demais ameaçador para o mundo dos homens.

COLETTE - Um dia o seu mérito será reconhecido.

NURIA - Reconhecido por quem?

COLETTE - Por você mesma. Deixe seu animal escapar da alma. E que ele não retorne jamais para nenhuma gaiola.

*Colette entra no espelho e começa fechar a porta.*

COLETTE - Nascemos para amar. O Amor é o começo da existência e seu único fim.

*Colette fecha as portas do espelho Veneziano e desaparece*

SEDAS BRANCAS - Volte ao princípio, lá se encontra o final.

*Sedas Brancas desaparece pelo interior negro da moldura do espelho Rococó.*

*Nuria sozinha se abaixa.*

*Senta no chão.*

*Acha um lápis.*

*Encontra uma folha.*

*Instantes.*

NURIA - Escrever à mão... Com lápis e borracha... Quando tinha dezesseis anos...

*Nuria começa escrever.*

*Luz cai devagar.*

*Instantes.*

NURIA - Título: ... Ainda não sei... Um livro... O pornográfico de hoje se tornará o erotismo no futuro... Autora: Cassia Maris.

*Nuria escreve cada vez mais rápido.*

*Foco sobre o último espelho ainda coberto.*

*Pano cai e é revelado o segundo espelho Imperial bisotado.*

*Dentro dele vemos o rosto de Luci.*

*Foco em Luci prisioneira do espelho.*

*Luz no proscênio se acende e vemos Mohammed recostado em suas almofadas e fumando narguilé. Efeitos de fumaça.*

*Nuria para de escrever, se levanta, se envolve num lençol de seda branca e caminha em direção ao proscênio.*

*Nuria se aproxima de Mohammed com lápis, papel e envolta num lençol de seda branca.*

NURIA - No princípio éramos todos humanos, mas a religião nos separou, a política dividiu e o dinheiro nos classificou. Mas todos deploram igualmente as odisséias de uma prostituta...

*Nuria se senta.*

*Foco somente no proscênio.*

*Mohammed aponta o narguilé para Nuria.*

MOHAMMED - O que quis dizer? Não entendi.

*Nuria fuma.*

NURIA - Agora sou sua patroa. Desejo que me conte todas as práticas sexuais que conhece...

MOHAMMED - O costumeiro e as outras?

*Nuria fuma.*

NURIA - Todas... Estou escrevendo um livro: O Diário Secreto das Sedas Brancas.

*Eles fumam.*

*Nuria escreve.*

*Luz cai.*

**Fim**

# A NOTÍCIA

Texto inspirado em fatos reais

1 - LIVRO: Looking Backwards - Colette - 1975.

2 - PERSONAGEM: Nome fictício da personagem Luci de Oliveira Minoti consta de um conjunto de relatos sobre experimentos de novas substâncias químicas e seus efeitos, encontrado na biblioteca médica, do setor de psiquiatria, no Hospital Universitário Antônio Pedro da Universidade Federal Fluminense em Niterói.

3 - CASSANDRA RIOS: Pseudônimo de Odette Pérez Ríos (São Paulo, 3 de outubro de 1932 - São Paulo, 8 de março de 2002), foi uma escritora brasileira, de ascendência espanhola. Escrevia ficção, mistério e principalmente sobre homossexualidade feminina e erotismo, sendo a primeira escritora a tratar do tema, quebrando um grande tabu nacional. Cassandra Rios acabou sendo perseguida e ameaçada pela ditadura militar, mas não parou jamais de escrever.

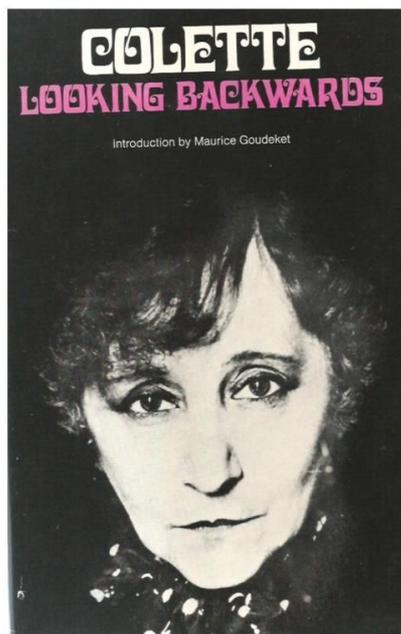
Odette Pérez Ríos nasceu e cresceu em uma família de classe média alta do bairro de Perdizes, na cidade de São Paulo, em 3 de outubro de 1932.

Ninguém foi mais perseguida pelos censores da ditadura militar brasileira do que Cassandra Rios, escritora recordista em vetos durante o regime, com 36 dos seus 50 livros publicados censurados durante a vida - fora algumas edições clandestinas. Em 1948, aos 16 anos, publicou seu primeiro livro: *A Volúpia do Pecado*, uma história de amor entre adolescentes, se tornando a primeira autora do país de romances eróticos voltados ao universo da sexualidade feminina.

Até que, em 1962, em pleno estado de direito democrático, seus livros foram proibidos e tirado de circulação por ofender os valores familiares. Mesmo assim, tornou-se a primeira escritora brasileira atingir a marca de um milhão de exemplares vendidos.

Entre 1964 a 1985, anos da ditadura, outras três dezenas de livros da escritora foram proibidos. Ficou conhecida como a "escritora maldita", pela ditadura, devido aos conteúdos publicados, a sua sexualidade em uma época conservadora - e a sua popularidade com as classes ricas e pobres incomodaram muito os que estavam no poder.

Cassandra Rios faleceu em decorrência de um câncer colorretal, no ano de 2002, aos 69 anos, no Dia Internacional da Mulher, em 8 de março. Ela vivia sozinha em seu apartamento.





## O AUTOR

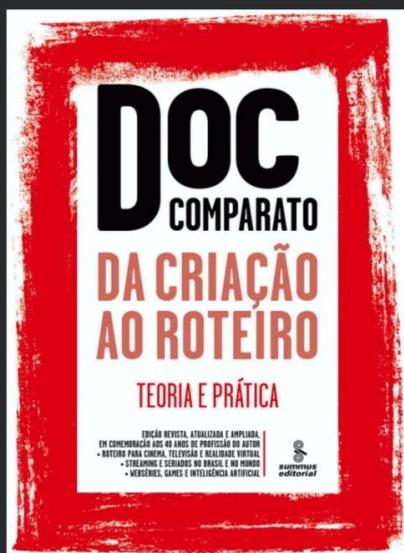
**Doc Comparato** nasceu no Rio de Janeiro em 3 de novembro de 1949. Médico de formação, começou a escrever roteiros enquanto exercia a Medicina. A arte falou mais alto. Há mais de 40 anos passou a se dedicar à escrita. É autor de obras pioneiras na tv brasileira, como **Lampião e Maria Bonita** (1982), primeira minissérie latino-americana e medalha de ouro do New York Film Festival, **O Tempo e o Vento** (1985) e as primeiras séries brasileiras: **Plantão de Polícia**, **Quarta Nobre**, **Mulher** e **A Justiceira**.

É escritor, roteirista, script doctor e conferencista. Suas obras estão publicadas em diversos países da América Latina e Europa e foram traduzidas para o inglês, espanhol, italiano, francês e alemão.

No Teatro, Doc criou três trilogias. A primeira, intitulada **Trilogia do Amanhã**, é composta de peças escritas nos anos 1980 e 1990: **Plêiades**, **O Beijo da Louca**, que recebeu o antigo Prêmio Nacional de Teatro, e **O Despertar dos Desatinados**. Depois veio a **Trilogia do Tempo**, constituída por peças escritas até o ano 2000: **Nostradamus**, **Michelangelo** e **O Círculo das Luzes** – todos os textos encenados no Brasil e na Itália. Nostradamus recebeu o Prêmio Anna Magnani.

Em terceiro veio a **Trilogia da Imaginação**, composta por **Sempre**, **Jamais** e **Eterno**. Com uma capacidade imagética impactante, Comparato nos traz nessas obras o drama de uma escritora de livros infantis, a história de Calabar e os dias secretos de Orson Welles no Brasil. São textos aparentemente simples, mas recheados de significados.

Além das trilogias, Doc assina outros textos de sucesso, como a peça infantil **A Incrível Viagem** (1985), e **As Tias** (1982), escrita em parceria com Aguinaldo Silva.



Uma das obras literárias mais importantes de Doc Comparato é o livro **Da Criação ao Roteiro**, que apresenta técnicas para o desenvolvimento e escrita de roteiros para Cinema, Teatro e Televisão. É considerado uma fonte fundamental para o estudo do tema e adotado como material didático em universidades e escolas ao redor do mundo. Em 2018, **Da Criação ao Roteiro** ganhou uma edição em comemoração aos 40 anos de profissão do autor, que inclui principalmente teoria, roteiros, exemplos, exercícios, etc. sobre streaming, novas mídias, redes sociais, manipulação de notícias, fake news, realidade virtual, games, webséries, objetos dramáticos, animação e até inteligência artificial. A obra já está sendo traduzida para lançamento na Espanha e países de língua espanhola em 2020.